



**Notas de uma Expedição às
Nascentes do Rio Mau (Ireng),
Roraima, Brasil.**

*Reinaldo Imbrozio Barbosa
Sebastião Pereira do Nascimento
Ari Alfredo Weiduschat
Fábio Bonatto*

**Notas de uma Expedição às Nascentes do Rio Mau (Ireng),
Roraima, Brasil**

**Manaus - Amazonas
2000**

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Ciência e Tecnologia

Ronaldo Mota Sardenberg

Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

Warwick Estevam Kerr

Coordenador de Extensão

Carlos Roberto Bueno

Coordenador de Difusão Científica

Ana Paula Freire de Souza

Comissão Editorial

Efrem J. G. Ferreira - Presidente

Cláudio Ruy V. da Fonseca

Luiz Antonio de Oliveira

Ari de Oliveira Marques Filho

José Celso de Oliveira Malta

Joselita Maria M. dos Santos

Charles Roland Clement

Bruce Walker Nelson

Heraldo L. de Vasconcelos

Gil Vieira

Marlene Freitas da Silva

Ficha Catalográfica

Notas de uma expedição às nascentes do Rio Mau (Ireng), Roraima, Brasil / Reinaldo Imbrozio Barbosa[et al]. - Manaus: INPA, 2000.
26p.: il. (Série documentos; 07)

1. Expedições científicas - Roraima

CDD 19ªed. 910.098114

Notas de uma Expedição às Nascentes do Rio Mau (Ireng), Roraima, Brasil

Notes on an Expedition to the Headwaters of the Mau (Ireng) River, Roraima, Brazil

Reinaldo Imbrozio Barbosa

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
CTA - Gov. INPA/GERR
Caixa Postal 96
69301-970 Boa Vista/Roraima/Brasil
Fax/fone : (095) 623 9433
e-mail: imbrozio@technet.com.br
reinaldo@inpa.gov.br

Sebastião Pereira do Nascimento

Museu Integrado de Roraima (MIRR)
Núcleo de Ciências Naturais
Av. Brigadeiro Eduardo Gomes s/nº - Parque Anauá
69305-010 Boa Vista/Roraima/Brasil
Fax/fone : (095) 623 1733

Ari Alfredo Weiduschat

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal de Roraima
BR-174, Km 08 - Distrito Industrial
Caixa Postal 133
69301-970 - Boa Vista - RR
Fone: 0xx96 626-7125
e-mail: ari@cpafrr.embrapa.br

Fábio Bonatto

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Laboratório de Geoprocessamento
Ilha do Fundão - Cidade Universitária
Caixa Postal 68537
21945-970 Rio de Janeiro/RJ
Fone : (021) 590 1880 (ramal 46)

Resumo

Entre os dias 21 e 28.01.96 realizamos uma expedição de reconhecimento científico às cabeceiras do rio Mau (Ireng), um dos divisores naturais da fronteira entre o Brasil e a Guiana, no extremo norte brasileiro. Nosso objetivo era fazer observações sobre geografia física, populações humanas, clima, solo, relevo, fauna e flora, checando informações e coletando material biológico desta região de fronteira que envolve a sobreposição do Parque Nacional do Monte Roraima, e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no Estado de Roraima, Brasil. Pretende-se contribuir, assim, para um maior acúmulo de informações que possam fornecer subsídios para futuros cenários de atividades científicas em preservação e conservação desta região da Amazônia.

Palavras-chave: Roraima, rio Mau (Ireng), Amazônia, conservação

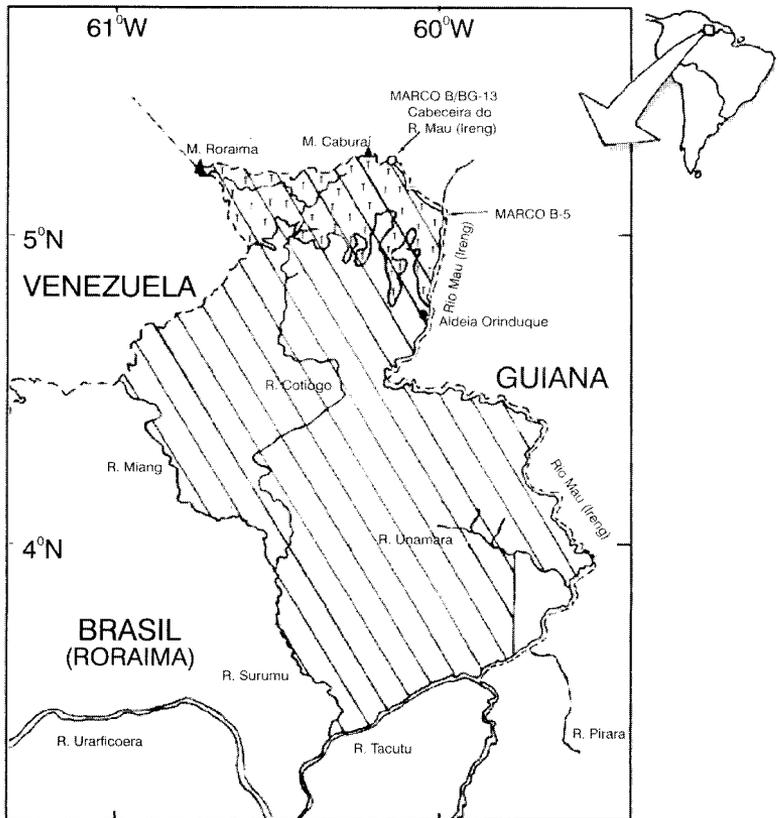
Abstract

Between the 21st and 28th of January 1996, we undertook a scientific expedition to the headwaters of the Maú (Ireng) River, which marks the natural frontier between Brazil and Guiana in the Brazilian northmost. Our aim was to observe physical geography, human populations, climate, soils, fauna and flora, checking informations and collecting biological material from this Amazon frontier region which embraces a overlap between the Monte Roraima National Park and Raposa/Serra do Sol Indian Land, in the State of Roraima, Brazil. The accumulation of information can offer a basis for future scientific activities in preservation/conservation in this part of the Amazonia.

Key words: Roraima, Mau (Ireng) river, Amazonia, conservation.

Percurso Geográfico

A bacia hidrográfica do rio Maú (Ireng) drena grande parte da região fronteira entre o Brasil e a Guiana, com sua nascente ficando estabelecida em um dos divisores de água da Serra do Uailan, extremo norte brasileiro, dentro do Parque Nacional do Monte Roraima (Fig. 1). Seus principais afluentes são os rios Uailan e Canã, pelo lado brasileiro e Cacó, Dacã e Socobi pela Guiana. Todos drenando o médio e alto curso do Maú e, correndo em terrenos muito antigos sob estruturas tectônicas e rochas sedimentares proterozóicas do Supergrupo Roraima (Escudo Guianense). As águas do Maú são de coloração escura, lembrando o rio Negro próximo a Manaus, Amazonas. Na região observada, ele corre por vales formados por cadeias de montanhas que variam, em média, de 600-1.100 m de altitude.



Fonte: BRASIL (1975); CIR (1993); IBGE e obs. pessoal.

- Área Indígena Raposa/Serra do Sol
- Limite Internacional
- Parque Nacional do Monte Roraima (Floresta Densa Montana)

Figura 1 - Região da bacia do rio Maú (Ireng); fronteira Brasil/Guiana.

O ponto de partida para nossa expedição foi a aldeia indígena do Orinduque (04° 45' 31" N e 60° 01' 59" W). Ela é habitada por índios Macuxi e, está localizada às margens do rio Mau, dentro da Terra Indígena Raposa/Serra do Sol, que está em processo de demarcação (Fig. 2). Esta localidade fica próxima da Cachoeira do Orinduque (580m de altitude), marco que consideramos como o início do alto curso do Maú. Deste ponto em diante foi necessário subir o rio de barco por um dia e meio, adentrando pelo limite leste do Parque Nacional do Monte Roraima e, finalizando esta etapa no marco fronteiroço Brasil 5 (B-5 : 05° 04' 11" N e 59° 58' 47" W), na confluência do Maú com o rio Socobi, a cerca de 650m de altitude. O B-5 fica próximo da Cachoeira do Grande Caracol (Kurutuwu Mehru), uma queda d'água em dois níveis com aproximadamente 100m de altura. Deste ponto em diante são dois dias de caminhada por uma floresta de altitude, até alcançar o marco Brasil-British Guiana 13 (B/BG-13 : 05° 14' 30" N e 60° 07' 31" W), na Serra do Uailan, a 1.120m de altitude. Este marco é o terceiro ponto geográfico mais ao norte do Brasil e identifica as nascentes do rio Mau, localizada na ponta nordeste da serra (Fig. 3). Ele dista menos de 8 km do Monte Caburaí, extremo setentrional do Brasil e localizado na ponta norte da serra do caburaí. Este último ponto, foi alcançado recentemente (03 a 07.09.98) por uma expedição exploratória-científica, integrada por colegas da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e do Museu Integrado de Roraima (MIRR), com apoio do Exército Brasileiro e do IBAMA/RR.



FIGURA 2

Figura 2 - Aldeia do Orinduque (etnia Macuxi).



Figura 3

Figura 3 - Nascente do rio Mau / Ireng

Até o início do século XX toda a bacia hidrográfica do Maú ainda fazia parte de uma antiga disputa territorial entre Brasil e Inglaterra, representada pela então Guiana Inglesa (Farage, 1991; Barbosa, 1993). O grande interesse de expansão das antigas metrópoles européias e a dificuldade de acesso a toda esta região faziam com que os limites internacionais se movimentassem dentro de diferentes cenários históricos e políticos. Este contexto proporcionou dois distintos momentos nas incursões que relataram algum aspecto do rio Maú. O primeiro deles foi direcionado às descrições da geografia física da área, para providenciar subsídios necessários à posse e a delimitação da terra. Assim, até a década de 1930, o perfil das expedições era um mosaico de exploradores, naturalistas e comissões de limites internacionais.

Em um segundo momento (pós 1930/40), já definidas e demarcadas as fronteiras, particular interesse foi dado à geologia econômica da área devido a descoberta, anos antes, de grandes “pools” de recursos minerais nas regiões próximas. Nesta fase os levantamentos aéreos e por satélite foram de grande destaque. Entretanto, em nenhuma das duas etapas identificamos incursões que tenham se detido na observação ou coleta de material biológico junto às cabeceiras do Maú.

Dentro destes parâmetros, entendemos que os primeiros a transitarem pelo Maú foram os holandeses entre o final do século XVII e início do XVIII. Seus interesses eram comerciais e as prováveis rotas seguidas eram (1) Rupununi-Tacutu e (2) Rupununi-Pirara-Maú-Tacutu, ambas no baixo Mau. Embora houvessem especulações de passagens anteriores, o único crédito é dado à Nicholas Horstman (1745), explorador holandês especializado em mineralogia. Suas informações foram base para que Charles de La Condamine organizasse um dos melhores mapas da época sobre o interior das Américas (La Condamine, 1745; Bancroft, 1769; Hemming, 1990).

Entretanto, o primeiro registro oficial de expedições e passagens históricas ao Mau foi realizado por Ricardo Serra e Antônio Pontes em 1781 (Serra & Pontes, 1781). Eram dois enviados da Coroa Portuguesa à região que tentavam examinar que tipo de comunicação havia com o Suriname, então colônia holandesa da época, que fazia limite com os domínios portugueses. Eles adentraram até a Cachoeira do Papagaio (Urue Buru ou Urue Mehru), pouco acima dos 4° N, próximo ao limite entre o baixo e o médio curso do Maú. Em 1786, alcança a sua foz o naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, que chegou até a altura do rio Pirara (baixo Maú). O objetivo de Ferreira era relatar a situação da fronteira com outras colônias européias e avaliar o potencial econômico da bacia do rio Branco (Amoroso & Farage, 1994). Em 1787, o Coronel Lobo D’Almada descreve o vale do rio Branco e aborda brevemente a região do baixo Mau (D’Almada, 1787). Em 1798, o porta-bandeira Francisco Barata, enviado português ao Suriname, fez comentários sobre a ligação do Maú com a bacia do Rupununi através do rio

Pirara (Barata, 1798). Mesma observação realizada anos antes, por Serra & Pontes e D'Almada. Entre 1838-39, Robert Schomburgk, alemão à serviço da Coroa Britânica, detalhou aspectos geográficos e botânicos no baixo rio Maú, junto à foz do rio Pirara e do Igarapé Unamara, próximo de onde hoje se encontra a cidade de Normandia, Roraima (Schomburgk, 1840). Theodor Koch-Grünberg estudou aspectos etnológicos próximo da confluência do Mau com o rio Tacutu em 1911 (Koch-Grünberg, 1917-24). Em 1915, o casal inglês Clementi, interessado em atingir o Monte Roraima, partiu de Georgetown, alcançou o rio Potaro e atravessou o médio Maú próximo à Serra do Maturuca (Clementi, 1916). Não fizeram nenhuma observação relevante.

Para efeito de reconhecimento, foi a Comissão de Inspeção de Fronteiras, liderada pelo então General Rondon na campanha de 1927/28, a primeira a explorar por terra todo o percurso do Mau (foz-nascente). Isto foi realizado pela equipe dirigida pelo Ten. Tales Facó que atingiu as cabeceiras deste rio percorrendo toda a fronteira norte até se encontrar com Rondon no Monte Roraima (Viveiros, 1957). Neste mesmo período G. H. H. Tate, do Museu Americano de História Natural, retornou do Monte Roraima para a Guiana Inglesa através do alto vale do Maú (Tate, 1930). A Comissão Mista de Limites Brasil/Guiana Inglesa, que se encarregou de erguer os pilares demarcatórios da fronteira (1932/33), também realizou o mesmo trajeto de Facó (Fig 4a e 4b). Anos antes, o explorador inglês Anderson havia marcado erroneamente as nascentes do Maú, no sentido leste acima dos atuais marcos (Aguiar, 1940).

A partir deste momento, mesmo que alguns registros abordassem especificamente a bacia do Maú, eles se caracterizaram pela globalização dos aspectos geológicos de toda a região das fronteiras. A maioria dos registros está espalhada em forma de pequenos artigos, principalmente nos anais do Congresso Brasileiro de Geologia, da Conferência Geológica Interguianas e da Conferência Geológica da Guyana. Nesta fase, nós destacamos como de interesse particular os seguintes trabalhos brasileiros: (1) Projeto RADAMBRASIL (BRASIL, 1975), que examinou várias feições paisagísticas de toda a região de Roraima, inclusive o alto Maú e (2) Programa de Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil (DNPM, 1990), que promoveu um levantamento denominado "Projeto Caburá" onde o objetivo final era tirar conclusões sobre a geologia econômica de toda a região norte de Roraima, a qual também pertence o Mau.

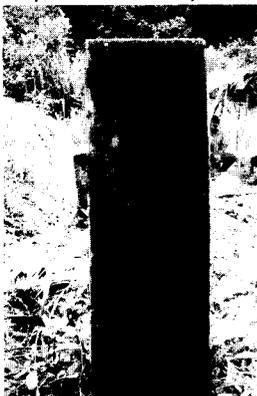


Figura 4(b)



Figura 4(a)

Figura 4 - (a) Marco B/BG-13 (nascentes do rio Maú/Ireng); (b) Observatório Brasileiro (Comissão Brasileira de Demarcação de Fronteiras)

As etnias indígenas que habitam as margens do alto curso do Maú são da família lingüística Caribe, distribuídas em aldeias. A primeira delas, aldeia Orinduque, esta situada do lado brasileiro e é habitada por índios Macuxi. Sua população é de cerca de 30 indivíduos vivendo em 20 casas dentro de uma paisagem do tipo savana de média altitude (550-650m). Parte da comunidade é flutuante e também participa de eventos em outras vilas indígenas. As casas são montadas em estruturas armadas de finos caules de árvores, rebocadas com uma mistura de argila e areia. A maioria das casas é coberta com palhas da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*). A principal atividade é a agricultura de subsistência, desenvolvida nas encostas florestadas das serras ou nas pequenas manchas de matas ciliares do Maú. A comunidade se serve da caça e da pesca como fonte alternativa de proteína animal. A religião praticada recebe forte influência da igreja católica, embora matenham vários traços de seus ritos culturais originais.

Pouco acima do Orinduque até o marco B-5, as margens são habitadas por pequenos núcleos de índios da etnia Patamona, que compõem as aldeias Waipá e Canauapai. Os centros destas aldeias ficam do lado guianense em meio a um contínuo florestal de baixas cadeias de montanhas (600-900m). A economia das duas aldeias é baseada na agricultura de subsistência, realizada em suas roças ao longo das margens do rio e em locais de terra-firme próximo ao centro. No complemento da proteína animal, a caça indica possuir maior peso na dieta do que a pesca devido a pouca quantidade de peixes do Mau. Waipá é católica e esta localizada a cerca de 3 horas de barco ao norte dos Macuxi do Orinduque. Possuem um sistema de educação organizado pelo Estado guianense e a maior parte das residências é montada em madeira trabalhada pela própria comunidade. Canauapai dista 4 horas rio acima de Waipá e possui grandes semelhanças na estratégia de sobrevivência de seus vizinhos (Fig. 5). Entretanto, sua religião é o "Aleluia", um culto espiritual sincrético, derivado da junção de ritos indígenas próprios com o protestantismo adventista inglês (Andrello, 1993). Im Thurn (1885) reconheceu esta manifestação religiosa entre os índios Macuxi e Patamona dos rios Potaro e Mazaruni (Guiana Inglesa) em 1884, acima das cabeceiras do Maú. O Ten. Facó também registrou este rito entre os habitantes deste rio em 1927/28 (Andrello, 1993).

Em 1988, esta região foi alvo de estudos por um Grupo Interministerial de Trabalho formado pelo governo brasileiro, como objetivo de proceder à identificação da Terra Indígena Raposa/Serra do Sol. Nesta ocasião, ficou registrado que a aldeia Canauapai estava estabelecida do lado brasileiro, com aproximadamente 50 pessoas. Este número corresponde ao citado por Ricardo (1995) para os índios Patamona em Roraima. Segundo a mesma fonte, os Patamona são cerca de 5.500 indivíduos na Guiana. Os índios nos afirmaram que o centro da aldeia foi mudado para a margem guianense em 1989 e que o número de pessoas residentes no Brasil continua o mesmo. O próprio tuxaua, líder da aldeia, reside no lado

brasileiro. A dificuldade de acesso e locomoção continua mantendo-os relativamente isolados de outros grupos sociais.



Figura 5 - Um dos núcleos da aldeia Canauapai (etnia Patamona).

No trecho percorrido existem várias quedas de água. Entretanto, a única que realmente pode ser considerada como uma cachoeira é a do Grande Caracol. As outras são caracterizadas por desníveis do terreno que se transformam em fortes corredeiras. Com o nível do rio baixo, é possível identificar uma espécie de arenito de coloração rósea e de difícil fragmentação ao contato manual. Esta é uma característica marcante do Maú até poucos quilômetros acima da Cachoeira do Grande Caracol, quando daí até as cabeceiras, o leito litólico do rio é coberto por uma espessa camada de areia sedimentar. Segundo DNPM (1990), esta sub-região do Supergrupo Roraima é definida como Formação Uailan, de cobertura predominantemente rochosa.

A vegetação próxima da Maloca do Orinduke em direção ao alto Maú é uma transição entre a savana e a floresta de altitude. A savana, ou “lavrado” na linguagem regional, é uma continuação da Formação Vulcânica do Surumu, estabelecida em forma de linha no sentido leste-oeste, separando a Formação Boa Vista (savana baixa) do Supergrupo Roraima. Ela é caracterizada por estar localizada em um relevo acidentado com diversas encrustações de laterita e quartzo, colonizado por espécies arbóreas como o caimbé (*Curatela americana*) e o mirixi (*Byrsonima crassifolia* e *B. coccolobifolia*) e, por espécies rasteiras como *Bulbostyles* sp (*Cyperaceae*) e as gramíneas *Andropogon* spp e *Trachypogon* spp. Estas últimas preenchem a maior parte do espaço da savana. Outra característica marcante desta região é a constância do fogo na vegetação. O fogo é uma tradição cultural dos índios locais traduzida como um método de manejo da pastagem para o gado e para espantar os animais peçonhentos.

A floresta atinge uma forma contínua pouco antes da Maloca Waipá, cerca de 10 km rio acima do Orinduke. Deste ponto, passando pela Maloca Canauapai até a Cachoeira do Grande Caracol, as matas que margeiam o rio lembram florestas de igapó. Entretanto, as marcas de água nas árvores e nas pedras da beira-rio são de enchentes rápidas, e não de acúmulo de água por meses seguidos. Neste trecho, excluindo a área de influência das águas, o tipo florestal dominante pode ser definido como sub-montano denso, variando de 600-900m de altitude. Espécies arbóreas das famílias Lecythydaceae (*Courupita guianensis*, Aubl.), Sapotaceae (*Pouteria* spp) e Vochysiaceae (*Vochysia* sp e *Qualea* spp), são comuns nesta região do rio e chegam a atingir 25-30m de altura. As leguminosas também ocorrem com frequência nesta área.

Após ultrapassar a Cachoeira do Grande Caracol, a paisagem da bacia hidrográfica é de uma cadeia de altos relevos (800-1100m) coberta por um contínuo florestal até suas cabeceiras. Neste trecho, a principal espécie observada foi *Micrandra* sp (*Euphorbyaceae*), com visível dominância. Outras com grande incidência foram *Clusia grandiflora* (*Clusiaceae*), *Qualea* spp (*Vochysiaceae*), *Pouteria* spp (*Sapotaceae*) e *Heterostemon* sp (*Caesalpineaceae*). No sub-bosque, as principais espécies observadas foram *Psychotria poeppigiana* (*Rubiaceae*) e

Siphocampylus sp (Campanulaceae)(Fig. 6a e 6b). Uma outra espécie de *Psychotria* sp, com flores de coloração amarelada, também possuía uma ampla distribuição. Araceae e Bromeliaceae foram da mesma forma muito observadas no sub-bosque.

Figura 6(a)



Figura 6(b)

Figura 6 - (a) *Psychotria poeppigiana* (Rubiaceae);
(b) *Siphocampylus* sp (Campanulaceae).

Acima do Grande Caracol, o solo predominante é constituído de um mosaico de afloramentos rochosos de arenito e podzol (areias quartzosas). Por ser extremamente poroso, proporciona que as próprias raízes da vegetação se responsabilizem pelo veloz ritmo de ciclagem de nutrientes neste sistema. Elas se encarregam de fazer parte da quebra mecânica e da absorção direta do material orgânico depositado sobre o solo. As raízes formam grandes mantos sobre o solo

e se apresentam, em grande parte do percurso, sob formas aéreas e/ou tabulares. Uma excessão deste padrão se encontra nas proximidade da cachoeira do Grande Caracol, quando é possível notar um mosaico de afloramentos rochosos com podzólico amarelo.

O sistema hidrográfico de águas pretas do Maú indica grande similaridade com o sistema de drenagem da bacia do alto rio Negro. Ambos nascem em formações geológicas muito antigas e drenam solos extremamente porosos sob cobertura florestal. Esta característica, aliada a frequência e a intensidade das chuvas, permite que parte da matéria orgânica ainda não totalmente degradada (ácidos húmicos e fúlvicos), escoe dos micro-sistemas fluviais para os cursos d'água de maior volume, fazendo com que a água apresente coloração escura.

Não realizamos medições climáticas mas, em quase todo o período de excursão as chuvas não cessaram ao passo que nos aproximávamos das cabeceiras do Maú. Os habitantes da zona florestal nos informaram que o tempo é regularmente úmido mas, existem fases secas entre os meses de dezembro e março. O período mais forte das chuvas ocorre entre maio e julho. Pelo que pudemos constatar na região das savanas (Orinduque), a distribuição dos meses com pico de chuva e seca é similar ao da zona florestal. A diferença é o volume e a frequência de chuvas caídas ao longo do ano. Os únicos registros climáticos que encontramos foram da Comissão Mista de Limites para o ano de 1932 (Aguiar, 1940). Este relato descreve o seguinte: a) zona da mata (floresta de altitude) - clima quente e úmido com temperatura variando de 17-25°C durante o dia e de 11-17°C durante a noite; b) região dos campos (savanas) - clima quente e seco durante o dia com temperatura variando de 20-28°C e, fresco à noite devido aos fortes ventos que fazem cair a temperatura para 14-20°C.

O ANEXO apresenta alguns grupos de animais observados e/ou coletados na região do alto Maú. Por não realizarmos levantamentos sistemáticos de um grupo específico da fauna regional, a idéia foi abranger o maior número possível de exemplares dentro do limite de tempo e transporte que estabelecemos para a excursão. O maior grupo coletado foi o herpetológico com 23 exemplares (8 espécies), com destaque para os anfíbios. Este grupo indicou ser representativo quanto à diversidade e densidade de espécies. Especial atenção foi dada à coleta de dois exemplares de Dendrobatídeos (*Atelopus* sp). Estes anuros apresentam grande interesse científico devido aos alcalóides presentes na sua pele.

Não conseguimos observar nenhum lagarto nas áreas de mata. Entretanto, nas áreas abertas, próximo ao Orinduque, foi possível coletar *Hemidactylus palahichthus* e, observar *Tropidurus hispidus* e *Cnemidophorus lemniscatus*. As serpentes também mostraram baixa frequência. Apenas dois exemplares de *Bothrops* sp (jararaca) foram coletados na região de mata pouco acima da Cachoeira do Grande Caracol. Entre os quelônios, encontramos apenas uma forma aquática (*Podocnemis unifilis*) que observamos entre o rio Socobi e a aldeia Orinduque. A ictiofauna é pobre. Não conseguimos constatar mais do que 5 ou 6 espécies em todo o trajeto do alto Mau, dentre elas, uma espécie de sarapó (*Gymnotus caropo*), uma de mandi (Pimelodidae) e outra de jiju (Erythrinidae). As três fazem parte da dieta alimentar da população indígena local.

O número de aves observadas foi certamente irrisório devido ao tamanho da região. Além da constância da chuva que afastou parte das aves, a falta de um especialista no grupo prejudicou uma maior identificação. Apenas 18 espécies, principalmente aquelas encontradas ao longo do rio, puderam ser descritas com segurança. O restante foi considerado como dúvida. Dos grandes mamíferos, conseguimos coletar 5 partes de crânios (3 espécies) que estavam em casas indígenas à margem do Mau. Além destes, constatamos coincidências de informações quanto a outros mamíferos que já foram observados pelo moradores do rio.

A entomofauna da região de floresta foi marcada pelos (a) formicídeos - *Camponotus gr. abdomilanis* (solitária), *Odontomachus nr. hastatus* (solitária) e *Eciton depanophorum* (correição) e (b) termites arborícolas - principalmente *Nasutitermes* sp. Coleópteros como *Nilio* sp (Erotylidae) e *Agra* sp (Carabidae) também foram muito observados devido sua vistosidade. A região de transição (savana-floresta) foi caracterizada pelos (a) dípteros - *Simulium* sp (pium) em grande quantidade; (b) termites de solo - principalmente *Syntermes* sp e *Nasutitermes cf. corniger* e (c) formicídeos - grupos de *Atta* sp. Dípteros do gênero *Lutzomia* spp (leishmaniose) foram observados nos dois sistemas (savana e floresta).

Todo material faunístico coletado foi depositado nas coleções do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia em Manaus (herpetofauna, ictiofauna,

entomofauna e mamíferos), Museu Integrado de Roraima em Boa Vista (herpetofauna) e Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (herpetofauna).

Considerações Finais

As nascentes do rio Mau (Ireng) fazem parte de uma região da Amazônia ainda pouco conhecida devido às dificuldades de acesso. Entretanto, seus entornos compõem, sobrepostos, duas modalidades legais de áreas protegidas: Parque Nacional do Monte Roraima e Terra Indígena Raposa/Serra do Sol. Esta realidade remete às discussões sobre o papel da presença humana em unidades de conservação e suas implicações na preservação da diversidade biológica e cultural.

Nesse sentido, a descrição aqui apresentada, embora parcial, permite ampliar o entendimento sobre o relacionamento entre o homem e o ambiente naquela região. Esse entendimento é fundamental para que o Estado e a sociedade possam decidir, superados os conflitos, sobre a propriedade e o uso da terra desta região.

Agradecimentos

Os índios Macuxi da aldeia Orinduque e os Patamona de Waipá e Canauapai, nos receberam e permitiram nossa entrada em suas terras. Os guianenses Barry e Dennys nos transportaram de barco pelo Maú. Os índios Macuxi João Batista, Percides e Sebastião nos guiaram ao longo do trajeto terrestre. C. Morato de Carvalho e G. Moreira (herpetofauna), I. P. Miranda e M. T. Campos (botânica), S. Wilson (aves), A. Harada (formicídeos), C. Martius (termite), J. Alves-Gomes (gymnotiformes), M. Silva (mamíferos) e M. Graça (coleópteros), todos do INPA, colaboraram na identificação do material observado e/ou coletado.

- Aguiar, B.D. 1940. Trabalhos da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - Primeira Divisão - Nas Fronteiras da Venezuela e Guiana Britânica e Neerlandesa, de 1930 a 1940. In: Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro. 375p.
- Amoroso, M.R.; Farage, N. 1994. Relatos da Fronteira Amazônica no Século XVIII - Documentos de Henrique João Wilckens e Alexandre Rodrigues Ferreira. NHII/ USP & FAPESP. 134 p.
- Andrello, G.L. 1993. Os Taurepang: Memória e Profetismo no Século XX. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. 177p.
- Bancroft, E. 1769. An Essay on the Natural History of Guiana in South America. Printed for T. Becket & P. A. De Hondt, London.
- Barata, F.J.R. 1798. Diário da Viagem a Colônia Holandesa de Surinam, feita pelo Porta-bandeira da Sétima Companhia do Regimento da Cidade do Pará, pelos Sertões e rios d'este Estado, em Diligencia do Real Serviço. Rev. Inst. Hist. Geog. do Brasil, tomo VIII, 1846, Rio de Janeiro.
- Barbosa, R.I. 1993. Ocupação em Roraima. I. Do Histórico Colonial ao Início do Assentamento Dirigido. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi (s. antr.) 9 (1): 123-144.
- Brasil 1975. Projeto RADAMBRASIL - Levantamento de Recursos Naturais, Volume 8. Ministério das Minas e Energia / Departamento Nacional da Produção Mineral. 426p + mapas.
- Clementi, C. 1916. A Journey to the Summit of Mount Roraima. The Geographical Journal, vol. XLVIII, July to December 1916, pp. 456-473.
- CIR 1993. Raposa/Serra do Sol : Os índios no Futuro de Roraima. Conselho Indígena de Roraima, Boa Vista/Roraima. 40p.
- D'Almada, M.G.L. 1787 (1861). Descrição Relativa ao Rio Branco e seu Território. Rev. Trim. Inst. Hist. Geog. Brasil, 24(4): 617-683.
- DNPM 1990. Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil - Geologia da Região de Caburáí, nordeste de Roraima. Secretaria Nacional de Minas e Metalurgia / Departamento Nacional da Produção Mineral. 92p.
- Farage, N. 1991. As Muralhas dos Sertões : Os Povos Indígenas no Rio Branco e a Colonização. Paz e Terra/ANPOCS. Rio de Janeiro. 197p.
- IBGE 1995. Estado de Roraima (mapa). Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Governo do Estado de Roraima. Escala 1 : 1.000.000.
- Hemming, J. 1990. How Brazil Acquired Roraima. Hispanic American Historical Review 70(2): 295-325.
- Im Thurn, E.F. 1885. The Ascent of Mount Roraima. Proceedings of the Royal Geographic Society 7: 497-521.
- Koch-Grünberg, T. 1917-24. Vom Roraima zum Orinoco (5 v.). Berlin, Verlag Dietrich Reimer (Ernst Vohsen); Stuttgart, Editorial Strecker y Schröder.
- La Condamine, C.M. 1745. Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux du Brésil et

- de la Guyane, en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des Sciences, le 28 avril 1745, por M. de La Condamine. Paris, Veuve Pissot.
- Ricardo, C.A. 1995. "Os Índios" e a Sociodiversidade Nativa Contemporânea no Brasil. In: Silva, A.L.; Grupioni, L., A Temática Indígena na Escola. MEC/MARI/UNESCO, Brasília. p. 29-60.
- Serra, R.F.A.; Pontes, A.P.S. 1781 (1944). Documento Oficial. Revista Brasileira de Geografia 6(3): 84-90.
- Schomburgk, R.H. 1840. Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, and thence by the rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-39. Journal of Royal Geographical Society (London) 10: 191-247.
- Stein, G.H. 1930. Notes on Mount Roraima Region. The Geographical Review 20(1): 53-68.
- Viveiros, E. 1957. Rondon Conta sua Vida. Cooperativa Cultural. 517p.

Principais grupos de fauna identificados na região do alto Mau/Ireng, Roraima, Brasil.

a) Herpetofauna

a.1) Lagartos

- . *Hemidactylus palahichthus* (coletado);
- . *Tropidurus hispidus* (observado);
- . *Cnemidophorus lemniscatus* (observado).

a.2) Serpentes

- . *Bothrops* sp ou jararaca (coletado).

a.3) Quelônios

- . *Podocmenis unifilis* tracajá (observado).

a.4) Anfíbios

- . *Atelopus* sp (coletado);
- . *Bufo gutattus* (coletado);
- . *Bufo gr. typhonius* (coletado);
- . *Colestethus* cf. *stpheni* (coletado);
- . *Leptodactylus bolivianus* (coletado);
- . *Leptodactylus* sp (coletado).

b) Avifauna

	CSF	FL
. carcará (<i>Polyborus plancus</i>);	x	x
. martin-pescador (<i>Ceryle torquata</i>);	x	x
. anú (<i>Crotophaga ani</i>);	x	x
. andorinha (<i>Atticora melanoleuca</i>);	x	x
. urubú preto (<i>Coragyps atratus</i>);	x	x
. curió (<i>Oryzoborus</i> sp);	x	x
. arara (<i>Ara ararauana</i>);	x	
. mergulhão preto (<i>Phalacrocorax brasiliensis</i>);	x	
. pato (<i>Cairina moschata</i>);	x	
. teo-teo (<i>Burhinus bistriatus</i>);	x	
. tico-tico rei (<i>Coryphospingus pileatus</i>).	x	
. mutum (<i>Crax alector</i>);		x
. capitão-do-mato (<i>Lipaugus vociferans</i>);		x
. araponga (<i>Procnias alba</i>);		x
. bem-te-vi (<i>Pitangus sulphuratus</i>);		x
. urubú da cabeça branca (<i>Cathartes</i> sp);		x
. andorinhão (<i>Streptoprocne zonaris</i>);		x
. jacú (<i>Penelope</i> sp).		x

(1) CSF = contato savana-floresta; FL = floresta;

(2) Outros indivíduos das famílias Dendrocolapitidae (pica-pau), Falconnidae (falcões), Fringilidae (curiós), Tyrannidae (bem-te-vi), Ramphastidae (tucanos), Psittacidae (araras e maracanãs) e Accipitridae (gaviões) também foram observados.

c) Mamíferos (região de floresta)

c.1) Material Coletado :

- . anta (*Tapirus terrestris*) : mandíbula;
- . veado mateiro (*Mazama americana*) : crânio;
- . porco do mato (*Tayassu pecari*) : mandíbula e crânio.

c.2) Informações coincidentes dos moradores :

- . onça vermelha (*Felis concolor*);
- . onça pintada (*Panthera onca*);
- . paca (*Agouti paca*);
- . cutia (*Dasyprocta aguti*);
- . tatu (três espécies da família Dasipodidae).



PPG-7



Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA

Divisão de Difusão Científica

Fone/fax: 0XX 92 643-3115/3208

Av. André Araújo, 2936 - Petrópolis

Caixa postal 478, CEP 69.011-970

Manaus - Amazonas - Brasil

e-mail: inpa@inpa.gov.br

Homepage: <http://www.inpa.gov.br>